

luxo pondo em moda; e ora aqui está como a ceramica no Japão, —faiança ou porcellana,—que attingiu requintes de arte primosissima, deveu ao chá e á agua morna os seus melhores progressos.

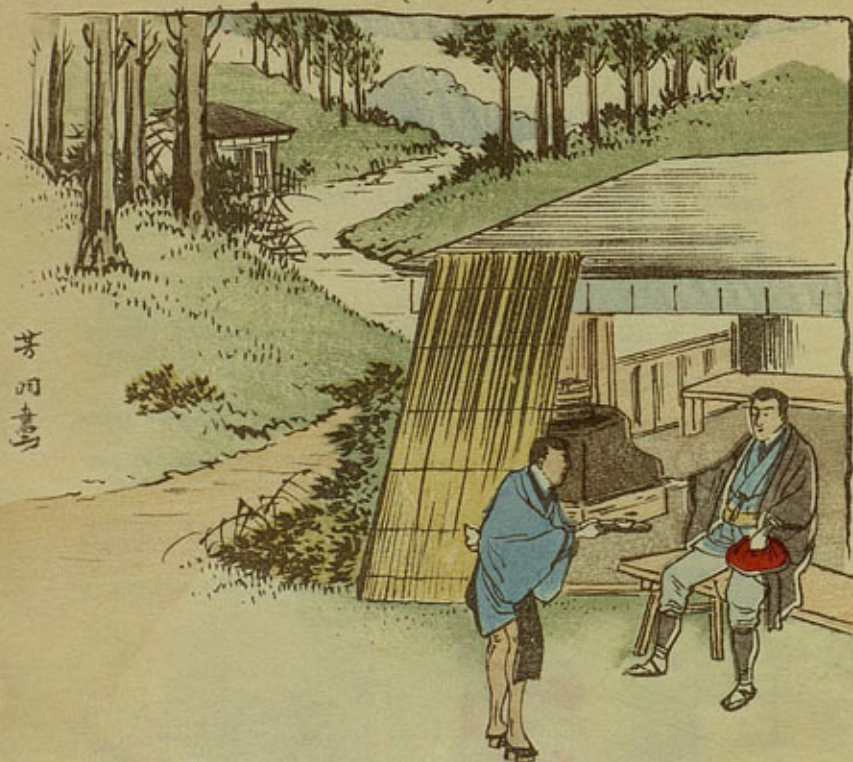
*
* * *

Quando começáram'a tomar chá os japonezes, era este reduzido a um impalpavel pó e com elle se fazia a beberagem; depois veio o uso de empregar as folhas, apenas escolhidas e passadas pelos fornos; e é esta, ainda hoje, a maneira mais commum de preparal-o.

No Japão, toda a gente toma chá,—ricos e pobres, nobres e plebeus:—bebe-se na occasião das refeições e a toda a hora, a



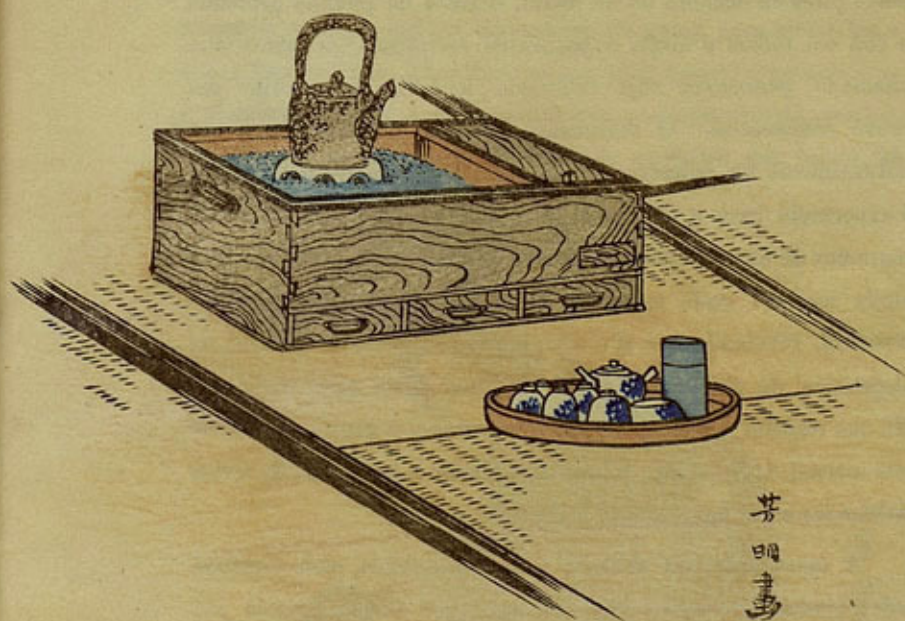
芳明畫



pequenos goles. No lar, quando entra o visitante, offerece-se-lhe, após as reverencias, uma almofada de regalo e uma chavena de chá. O mercador, quando quer ser amavel com o freguez, serve-lhe antes de tudo uma chavena de chá, palestra, falla da chuva e do bom tempo; só mais tarde se trata do negocio. Nos templos famosos, em Kyoto por exemplo, o bonzo offerece chá ao peregrino antes de lhe mostrar as reliquias e os museus. Pelos caminhos mais agrestes, que vão serpeando pelas collinas arriba, ha rusticos poisos espaçados aqui e acolá, onde o caminheiro descança alguns minutos, bebe uma chavena de chá, troca um sorriso, deixando em retorno um cobre sobre a esteira. Um restaurante, na pittoresca linguagem japoneza, diz-se uma *chaya*,—que quer dizer—casa de chá.—De sorte que a chavena de

chá, que acompanha os *bons-dias* dados a quem chega, não constitue simplesmente uma norma rotineira, um habito banal, tornou-se como que o symbolo da doce hospitalidade japoneza, um rito da bonhomia d'esta gente, exercido religiosamente entre amigos, entre estranhos tambem, porque ao estranho, que larga á porta as sandalias, vem ao nosso lar e nos saúda, deve-se já um sorriso e a sua parte de conforto.

* * *



芳
明
書

Na casa, nua de moveis, porem mimosa de aceios requintados, figura sempre o brazeiro sobre a esteira, e nas brazas vae fervilhando a chaleira de ferro cheia de agua; o *bon* (uma bandeja) está cerca, contendo o bule, as cinco chavenas (cinco, porque? talvez por serem cinco os dedos em cada mãosita japoneza), os



cinco pires de madeira ou de metal, o cofre de estanho contendo o chá em folhas e ainda o pequenino recipiente em porcellana chamado *yuzamashi*, cuja ordinaria serventia vae muito em breve conhecer-se. O sentimento artistico japonex deprava-se naturalmente ua industria de hoje, em grande parte com destino á exportação para a Europa e para a America; é nos utensilios communs de uso indigena, onde não intervem a modernismo, que ainda reside o gosto esthetico, puro e inconfundivel, da gente japoneza, revelando por si o complicado conjuncto de esmeros, de elegancias, de chimeras, em que a alma d'este povo se deleita. No que respeita o serviço de chá, é innarravel a gentileza de todo este arsenal de bagatelas, minusculas, dando a impressão de serem destinadas a um banquete de bonecas! . . .

A agua passa da chaleira para o *yuzamashi*, onde arrefece, pois é preceito fazer-se o chá com agua que ferveu, mas ja não ferve; prepara-se depois no bule a infusão, que é offerecida aos hospedes nas pequeninas taças de fina porcellana.

Eis a singela practica e eis a modesta offerta, actos da vida intima não poucas vizes repetidos durante cada dia, desde pela manhã até á noite. Poderiam julgar-se sem meritos que valessem

do estranho um instante de atenção e um commentario; mas não succede assim. Para a alegria dos olhos, a simples preparação do chá imprime um relevo delicioso á graciosidade innata na *musumé*, na attitude que lhe é mais habitual, de joelhos sobre a esteira, junto do seu brazeiro. A mimica é impressiva, unica; privilegio d'aquella figurinha meiga e ondulante e d'aquella buliçosa mão, de finissimos contornos, da japoneza, que é, em summa, a Eva mais gentilmente pueril, mais captivamente chimerica, mais feminina emfim, de todas as Evas d'este mundo. Parece certo que jamais o japonez, que ignora o beijo, haja poisado a bocca n'aquella mão que exhibe esplendores de graça para servir-lhe o chá; o forasteiro, em intimidade serena, pode ensaiar o galanteio se a phantasia o tenta; e então verá talvez, que a mãosita da *musumé*, reconhecida ao afago, se conchega de encontro aos labios, se demora, como uma rola

